

COURTNEY MILAN

A GUERRA DA DUQUESA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

LUÍS SANTOS / JOÃO QUINA EDIÇÕES

ASA

CAPÍTULO 1

Leicester, novembro 1863

Robert Blaisdell, nono duque de Clermont, não estava escondido. Era verdade que subira até à biblioteca da antiga Câmara, longe o suficiente da multidão lá em baixo para que o ruído se desvanecesse num ronco distante. Era verdade que não estava mais ninguém ali. Mais ainda: estava atrás de cortinados grossos de veludo cinzento-azulado que o ocultavam. E tivera de afastar o pesado sofá de pele para lá chegar.

Todavia, não se dera a todo esse trabalho para se esconder, mas sim – ponto fundamental no seu raciocínio falacioso – porque naquela estrutura secular de estuque e madeira, só uma das vidraças das janelas se abria, e por acaso era a que se encontrava oculta atrás do sofá.

Por isso, ali estava ele, de cigarrilha na mão, com o fumo a subir para o ar frio de outono. Não estava escondido; era apenas uma maneira de proteger do fumo os livros envelhecidos.

Até seria capaz de acreditar nisso, caso fumasse.

Pelas lâminas de vidro antigo descortinava a pedra escurecida da igreja do outro lado. Os candeeiros lançavam sombras imóveis no passeio lá em baixo. Contra as portas havia sido empilhado um monte de programas, mas a brisa outonal espalhara-os pela rua, atirando-os para dentro de poças.

Bela confusão estava ele a arranjar. Sorriu e bateu a cigarrilha intocada na abertura da janela, lançando cinza a rodopiar até às lajes mais abaixo.

O gemido discreto de uma porta a abrir-se sobressaltou-o, levando-o a virar-se da janela para o soalho que era pisado. Alguém subira as escadas e entrara na divisão. Os passos eram leves, talvez de uma mulher, ou de uma criança. Eram também curiosamente hesitantes. A maioria das pessoas que se dirigisse à biblioteca a meio de um musical teria motivos para o fazer. Um encontro clandestino, talvez, ou em busca de um familiar.

Detrás dos cortinados, Robert só conseguia ver uma pequena extensão da biblioteca. A pessoa aproximou-se no seu passo hesitante. Estava fora de vista – decidira, sem saber porquê, que se tratava de uma mulher –, mas ele ouvia o arrastar suave dos pés que se detinham a espaços, como se analisasse o espaço que a rodeava.

Não chamou ninguém, nem procedeu a uma busca decidida. Não aparentava procurar um amante escondido. Em vez disso, os passos contornaram o perímetro da sala.

Robert precisou de alguns momentos para se aperceber de que esperara demasiado para se fazer anunciar. «Aha!» imaginava-se a proclamar, saltando detrás dos cortinados. «Estava a apreciar o estuque. Está muito bem aplicado, não lhe parece?»

Ela imaginá-lo-ia louco. Até agora, ainda ninguém chegara a essa conclusão. Assim, em vez de falar, Roberto atirou a cigarrilha pela janela, caindo a rodopiar, a ponta com um brilho alaranjado, até se extinguir numa poça.

De onde se encontrava só conseguia ver meia estante de livros, as costas do sofá e uma mesa a seu lado, com um tabuleiro de xadrez montado. O jogo ia a meio, e, pelo que se lembrava das regras, as pretas estavam a ganhar. A mulher acercou-se e Robert encolheu-se contra a janela.

Surgiu no seu campo de visão.

Não era uma das donzelas com quem se cruzara no átrio. Não, essas eram belas jovens que esperavam poder cativá-lo. Aquela

senhora – quem quer que fosse – não era uma beleza. O cabelo escuro fora apanhado de forma prática num puxo junto à nuca. Tinha os lábios finos e o nariz afilado, talvez um tanto ou quanto comprido. Envergava um vestido azul-escuro debruado a marfim – sem rendas, sem laços, apenas tecido simples. Até o corte do vestido raiava o severo: a cintura tão apertada que ele punha em causa a capacidade de ela respirar, mangas que desciam dos ombros até aos pulsos sem um dedo de tecido a mais que suavizasse a figura.

Não viu Robert atrás dos cortinados. Fitava o tabuleiro de xadrez com a mesma expressão de um elemento da Liga Contra o Alcoolismo perante um barril de *brandy*: como se fosse um demónio a ser eliminado através de hinos e orações – e se tal falhasse, com lei marcial.

Deu um passo hesitante em frente, depois outro. Procurou então na bolsa de seda pendurada à cintura e tirou um par de óculos.

Os óculos devê-la-iam ter deixado ainda mais severa, mas, assim que os pôs, o olhar suavizou-se.

Interpretara-a erradamente. Não tinha os olhos semicerrados em desprezo; estava a tentar ver. Não fora severidade no olhar, mas sim algo completamente diferente – algo que não conseguia identificar. A mulher pegou num cavalo preto e revirou-o na mão. Robert não via nada nas peças que merecesse tal escrutínio. Eram de madeira, talhadas com uma competência indiferente. Não obstante, ela continuou a estudá-la, os olhos concentrados e brilhantes.

Depois, inexplicavelmente, levou a peça aos lábios e beijou-a.

Robert observou num silêncio imóvel. Era quase como se estivesse a interromper o encontro entre uma mulher e o seu amante. Aquela senhora tinha os seus segredos e não queria partilhá-los.

A porta do outro lado gemeu ao abrir-se mais uma vez.

Os olhos da mulher arregalaram-se e ela olhou em volta, mergulhando apressadamente para trás do sofá na pressa de se esconder, aterrando a meros dois palmos dele. Nem então viu Robert;

enrolou-se num monte, puxando as saias para trás da proteção de cabedal do móvel, respirando em breves golfadas silenciosas.

Ainda bem que Robert afastara ligeiramente o sofá, caso contrário ela não conseguiria esconder a massa de tecido.

Apertava ainda a peça de xadrez, que enfiou violentamente por baixo do sofá.

Desta vez, os passos que entraram na biblioteca soaram com mais força.

– Minnie? – chamou uma voz masculina. – Miss Pursling? Está aqui?

A mulher franziu o nariz e encostou-se à parede, sem responder.

– Jasus, homem. – Outra voz que Robert não reconhecia, jovem e ligeiramente arrastada pelo álcool. – Não te invejo a sorte.

– Não fales mal da minha quase prometida – admoestou a primeira voz. – Sabes que é perfeita para mim.

– Aquela ratita tímida?

– Ela vai manter um bom lar. Vai tratar do meu conforto, cuidar dos filhos e não se vai queixar das minhas amantes. – Ouviu-se o gemido de dobradiças, o som inconfundível de alguém a abrir uma das portas de vidro que protegiam as estantes.

– O que estás a fazer, Gardley? – indagou o embriagado. – Estás à procura dela no meio dos volumes alemães? Acho que ela não cabe aí. – O comentário fez-se acompanhar por uma gargalhada feia.

Gardley. Não podia ser o velho Mr. Gardley, dono de uma destilaria, não com uma voz tão jovem. Deveria ser Mr. Gardley, *o novo*. Robert já o vira à distância – um indivíduo apagado, de altura mediana, cabelo castanho e feições que lhe recordavam vagamente cinco outras pessoas.

– Pelo contrário – contrapôs o jovem Gardley. – Acho que vai caber muito bem. Enquanto esposa, Miss Pursling será o equivalente a um destes livros. Vai lá estar quando a quiser tirar para ler. Na minha ausência vai esperar pacientemente onde a deixei. Vai ser

uma esposa confortável, Ames. Além do mais, a minha mãe gosta dela.

Robert não se lembrava de ter conhecido nenhum Ames. Encolheu os ombros e olhou para – segundo imaginava – Miss Pursling, para ver como ela reagiria a tal revelação.

Não pareceu surpreendida nem chocada com tão pouco romântica declaração por parte do quase noivo. Parecia resignada.

– Sabes que a tens de levar para a cama – lembrou Ames.
– É verdade, mas não vai ser com frequência, graças a Deus.
– É uma ratita. Imagino que vá guinchar quando for espetada, como qualquer rato.

Ouviu-se uma leve pancada seca.

– Então? – queixou-se Ames.

– Estás a falar da minha futura esposa – ralhou Gardley.

Talvez, afinal de contas, o indivíduo não fosse assim tão mau.

Depois, Gardley prosseguiu.

– Sou o único que pode pensar em espetar *aquela* ratita.

Miss Pursling cerrou os lábios e ergueu o olhar, como se rogasse aos céus. Mas ali dentro da biblioteca não havia céu ao qual rogar. E quando olhou para cima, pelo espaço entre os cortinados...

Cruzou o olhar com o de Robert. Arregalou mais os olhos. Não gritou; não arquejou. Não se mexeu um milímetro que fosse. Limitou-se a fitá-lo com um olhar que faiscava com uma acusação silenciosa e furibunda. As narinas estremeciam-lhe.

Robert nada podia fazer, pelo que ergueu a mão e acenou-lhe ao de leve.

Ela tirou os óculos e desviou-se com um movimento tão decidido que Robert teve de olhar duas vezes para confirmar que ela estava, realmente, acorçada a seus pés, no meio de um mar de tecido. Que daquele ângulo desconfortável acima dela ele via pelo decote do vestido abaixo – até à única parte da figura dela que não lhe parecia severa, mas sim suave...

Guarda isso para depois, admoestou-se, e ergueu o olhar alguns centímetros. Como ela se virara, pôde ver uma leve cicatriz na face esquerda, uma teia confusa de linhas brancas que se cruzavam.

– Seja para onde for que a tua ratita foi, não está aqui – dizia Ames. – O mais certo é estar na sala onde as mulheres se refrescam. Vamos voltar para a diversão. Sempre podes dizer à tua mãe que falaste com ela aqui na biblioteca.

– É verdade – respondeu Gardley. – E não tenho de referir que ela não estava presente. Seja como for, mesmo que estivesse aqui, não teria respondido.

Os passos afastaram-se; a porta voltou a ranger e os homens saíram.

Miss Pursling não olhou para Robert quando eles saíram, nem sequer para reconhecer a existência dele com um olhar fulminante. Em vez disso, soergueu-se de joelhos, cerrou o punho e esmurrou as costas duras do sofá – uma, duas vezes, com tanta força que os cinquenta quilos de móvel avançaram.

Robert agarrou-lhe o pulso antes do terceiro murro.

– Pronto – disse. – Não se magoe por causa dele. Ele não merece.

Ela fitou-o, os olhos arregalados.

Robert não imaginava como poderia alguém chamar tímida àquela mulher, que quase crepitava de rebeldia. Soltou-lhe o braço antes que a fúria nela lhe subisse pela mão e o consumisse. Já estava zangado o suficiente.

– Não se incomode comigo – respondeu ela. – Pelos vistos, não sou capaz de me conter.

Robert quase saltou. Não tinha a certeza de como a voz dela soaria – severa, tal como sugerido pela aparência? Talvez ele a imaginasse a falar com um tom agudo, qual roedor com que fora comparada. Mas a voz era grave, quente e profundamente sensual. Era o tipo de voz que de repente o fez ter noção de que ela estava ajoelhada à sua frente, a cabeça quase ao nível do baixo-ventre.

Guarda isso também para depois.

– Sou uma ratita. Todos os ratos guincham quando são espetados. – Voltou a esmurrar o sofá. Se continuasse assim ia ferir os nós dos dedos. – Também me quer espetar?

– Não. – Graças a Deus, os pensamentos não contavam; se contassem, não havia homem que não passasse o resto da eternidade a arder no inferno.

– Passa a vida escondido atrás de cortinados, à espera de ouvir conversas íntimas?

Robert sentiu a ponta das orelhas a arder.

– Esconde-se sempre atrás de sofás quando ouve o seu noivo a entrar?

– Sim – atirou ela, num tom de desafio. – Não ouviu? Sou como um livro deixado no sítio errado. Um dia, a meio das limpezas de primavera, um dos criados dele vai encontrar-me cheia de pó. «Ah», dirá o mordomo. «Então era aqui que estava Miss Wilhelmina. Esquecera-me completamente dela».

Wilhelmina Pursling? Mas que nome medonho.

Miss Pursling respirou fundo.

– Por favor, não conte nada disto a ninguém. – Fechou os olhos, que pressionou com os dedos. – Por favor, vá-se embora, seja quem for o senhor.

Robert desviou os cortinados e contornou o sofá. Afastara-se poucos metros e já não a conseguia ver. Só a imaginava enrolada no chão, furiosa ao ponto de verter lágrimas.

– Minnie – chamou. Não era educado tratá-la por um nome tão íntimo. Não obstante, Robert queria ouvi-lo a deixar-lhe a língua.

A jovem não respondeu.

– Dou-lhe vinte minutos – disse ele. – Se, nessa altura, não a vir lá em baixo, virei buscá-la.

Passaram-se alguns momentos sem resposta. E então:

– O mais bonito que um casamento tem é o direito que me dá à monogamia. Não acha que um homem a querer estabelecer-me o paradeiro chega?

Robert fitou o sofá, confuso, até que percebeu que ela julgara que a estava a ameaçar vir arrastá-la.

Robert era bom em muitas coisas, mas comunicar com mulheres não se encontrava na lista.

– Não foi isso que eu quis dizer – resmungou. – Eu... – Regressou ao sofá e espreitou sobre as costas de pele. – Se soubesse que uma mulher com quem me preocupava estava escondida atrás de um sofá, esperava que alguém se desse ao trabalho de confirmar se se encontrava bem.

Seguiu-se uma longa pausa. Depois ouviu-se o restolhar de tecido e ela mirou-o. O cabelo começara a soltar-se do puxo severo; estava agora caído à volta do rosto, acentuando a palidez da cicatriz. Não era bonito, mas... interessante. E seria capaz de passar a noite a ouvi-la falar.

Minnie fitou-o, curiosa.

– Oh! – exclamou, num tom átono. – Está a tentar ser gentil. – Era como se essa possibilidade ainda não lhe tivesse ocorrido. Suspirou e abanou a cabeça. – Mas a sua gentileza é escusada. Bem vê, *aquilo* – apontou para a porta por onde saíra o quase noivo – é o melhor por que posso esperar. Há anos que procurava algo do género. Assim que conseguir habituar-me à ideia, caso-me com ele.

Não havia vestígios de sarcasmo na voz. Levantou-se. Com gestos experientes, voltou a prender o cabelo no puxo e endireitou as saias até voltarem a um aspeto decente.

Só então se baixou, procurando debaixo do sofá, para onde atirara o cavalo. Observou o tabuleiro, meneou a cabeça e depois, com todo o cuidado, devolveu a peça ao seu lugar.

Saiu enquanto ele a observava, tentando dar algum sentido às palavras.

Minnie desceu as escadas desde a biblioteca até ao pátio escurecido no exterior do Salão Nobre. O coração ainda lhe batia com força. Por um instante reudara que ele a fosse interrogar, mas não: escapara sem que lhe fizessem perguntas. Estava tudo como sempre: sossegado e monótono. Tal como ela precisava. Não havia nada a reudar.

No pátio mal se ouviam os acordes ténues do concerto, medianamente executado pelo quarteto de cordas local. A escuridão pintava o pátio aberto numa paleta de cinzentos. Não que durante o dia houvesse muito mais cores que ver: apenas a laje cinzento-azulada que compunha o pátio e o reboco envelhecido das paredes com estrutura de madeira. Algumas ervas daninhas persistentes haviam surgido por entre as rachas nas lajes, mas tinham definhado para meros fios sépia. Mal tinham cor no escuro da noite. Uma mancha de figuras sombreadas encontrava-se junto à porta, de copos de ponche na mão. Ali, tudo estava abafado – sons, imagens, as emoções agitadas de Minnie.

O concerto atraía um número impressionante de pessoas, o suficiente para encher a sala central, com todos os lugares ocupados e ainda mais gente junto às paredes. Era estranho que os acordes fracos de Beethoven mal tocado atraíssem tanta gente, mas a multidão comparecera em força. Bastara-lhe um olhar para a turba e Minnie recuara, o estômago apertado. Não podia entrar naquele espaço.

Talvez pudesse fingir uma indisposição.

A bem da verdade, nem teria de fingir.

Mas...

Uma porta abriu-se atrás dela.

– Miss Pursling. Finalmente encontro-a.

Minnie deu um salto ao ouvir a voz e virou-se de imediato.

A Câmara de Leicester era um edifício antigo – uma das poucas estruturas reticuladas dos tempos medievais que não sucumbira num incêndio. Com o passar dos séculos tivera uma série de usos díspares. Era um salão para acontecimentos como aquele, sala de audiências para o presidente da câmara e seus magistrados, armazém dos poucos objetos cerimoniais da terra. Tinham até convertido uma das divisões em celas para prisioneiros – um dos lados do pátio era de tijolo e não de reboco – e feito uma casa para o chefe de polícia.

Naquela noite, o Salão Nobre estava a ser usado, razão pela qual não esperara ver ninguém a sair da sala do presidente.

Uma figura entroncada acercou-se com passos ligeiros.

– Há meia hora que a Lydia está à sua procura. E eu também.

Minnie suspirou de alívio. George Stevens era um indivíduo decente, melhor do que os dois cretinos dos quais escapara. Era capitão da milícia e o melhor amigo do noivo.

– Capitão Stevens. Está tão cheio lá dentro que tive de vir apanhar ar.

– Não me diga. – Dirigiu-se a ela. Ao início nada mais era do que uma sombra. Depois aproximou-se o suficiente para que ela discernisse pormenores sem óculos e as feições ficaram definidas: bigode jovial, suíças tufadas. – Não gosta de ajuntamentos? – O tom era atento.

– Não.

– Porquê?

– Nunca gostei. – Mas em tempos gostara. Tinha recordações vagas de um bando de homens a cercá-la, a chamar-lhe o nome, a quererem falar com ela. Na altura não haveria possibilidade de coqueteria – tinha oito anos de idade e, para mais, estava vestida como um rapaz –, mas houvera um tempo em que a energia da multidão a animava, em vez de lhe deixar o estômago aos nós.

O capitão Stevens juntou-se a ela.

– Também não gosto de framboesas – confessou Minnie. – Arranham-me a garganta.

Mas ele fitava-a, as pontas do bigode a penderem com o peso da apreensão. Esfregou os olhos, como se inseguro quanto ao que estava a ver.

– Vamos – disse Minnie, com um sorriso. – Já me conhece há anos, e nunca gostei de grandes aglomerados de pessoas.

– Pois não – replicou ele, pensativo. – Mas, bem vê, Miss Pur-sling, na semana passada, por acaso, estive em Manchester, em serviço.

Não reajas. O instinto estava profundamente arraigado; Minnie certificou-se de que o sorriso continuava descontraído, de que prosseguia com o alisar das saias sem se imobilizar com o medo.

Mas os ouvidos troavam-lhe e o coração começou a bater-lhe com força de mais.

– Oh – ouviu-se a dizer. A voz pareceu-lhe excessivamente alegre e muito instável. – A minha antiga terra. Há tanto tempo. O que lhe pareceu?

– Pareceu-me estranho. – Avançou mais um passo. – Visitei o antigo bairro da sua tia-avó Caroline. Tencionava dar dois dedos de conversa, dar notícias suas a quem pudesse lembrar-se de si em pequena. Mas ninguém se lembrava de que a irmã de Caroline pudesse ter-se casado. E quando procurei, não havia registo do seu nascimento na paróquia.

– Mas que estranho. – Minnie fitou as lajes. – Não sei onde fui registada. Terá de perguntar à tia-avó Caroline.

– Ninguém ouvira falar de si. *Morou* no mesmo bairro onde cresceu, não foi?

O vento fustigou o pátio com um assobio monocórdico e lamentoso. O coração de Minnie criava um ritmo para o acompanhar. *Agora não. Agora não. Por favor, não te vás abaixo agora.*

– Nunca gostei de multidões – ouviu-se a dizer. – Nem na altura. Não era conhecida, em criança.

– Mmm.

– Receio não o poder ajudar. Era tão pequena quando saí de lá. Mal me lembro de Manchester. Já a tia-avó Caro...

– Mas não é a sua tia-avó que me preocupa – atalhou ele, lentamente. – Sabe que a manutenção da paz faz parte dos meus deveres.

Stevens sempre fora um indivíduo sério. Embora a milícia só houvesse sido chamada uma vez no ano anterior – e, mesmo então, para ajudar a combater um incêndio –, ele levava as suas funções muito a sério.

Minnie já não precisava de fingir confusão.

– Não percebo. O que tem isto que ver com a paz?

– Vivemos numa época perigosa – debitou. – Bem vê, fiz parte da milícia que reprimiu as manifestações cartistas de 42 e não me esqueci de como tudo começou.

– Mas isso continua a não ter que ver...

– Lembro-me dos dias antes do início da violência – continuou, friamente. – Eu sei como começa. Começa quando alguém diz aos operários que devem ter voz própria, em vez de fazerem o que lhes é dito. Reuniões. Conversas. Panfletos. Ouvi o que disse enquanto parte da Comissão de Higiene dos Trabalhadores, Miss Pursling. E não gostei. Não gostei nada.

A voz dele ficara gelada, e Minnie sentiu um leve arrepio nos braços.

– Mas eu só disse...

– Sei bem o que disse. Na altura ignorei-o, atribuí-o à ingenuidade. Mas agora sei a verdade. Não é quem diz ser. Está a mentir.

O coração de Minnie batia com mais força. Olhou para os pés, para o pequeno grupo a três metros deles. Uma das raparigas bebia ponche e ria-se. Certamente, se ela gritasse...

Mas gritar não serviria de nada. Por impossível que parecesse, alguém descobrira a verdade.

– Não tenho a certeza – continuou ele –, mas sinto nos ossos que há qualquer coisa errada. Faz parte *disto*. – E mostrou-lhe um papel, quase lho espetando no peito.

Minnie aceitou-o por reflexo e ergueu-o para apanhar a luz emanada pelas janelas. Por um instante ficou a pensar no que estaria a ver – um artigo de jornal? Houvera bastantes, mas o papel não parecia ser de jornal. Ou talvez fosse o seu assento de nascimento. Isso seria mau. Tirou os óculos do bolso.

Quando finalmente o conseguiu ler, quase soltou uma gargalhada de alívio. De todas as acusações que ele lhe podia fazer – de todas as mentiras que contara, a começar pelo seu nome –, ele pensava que estava envolvida com *aquilo*? Stevens entregara-lhe um panfleto, do género que aparecia preso às paredes das fábricas e era deixado em pilhas descuidadas à porta das igrejas.

OPERÁRIOS, dizia a primeira linha com enormes maiúsculas. Depois, por baixo: *ORGANIZEM-SE, ORGANIZEM-SE, ORGANIZEM-SE!!!!*

– Oh, não – protestou ela. – Nunca vi tal coisa. E isto não faz *de todo* o meu género. – Para começar, ela tinha quase a certeza de que qualquer frase que usasse mais pontos de exclamação do que palavras era uma abominação.

– Estão espalhados pela cidade – resmungou ele. – Alguém é responsável por isto. – Ergueu um dedo acusatório. – Ofereceu-se para compor os panfletos da Comissão de Higiene dos Trabalhadores. Isso dá-lhe uma desculpa para visitar as gráficas da cidade.

– Mas...

O capitão ergueu um segundo dedo.

– Logo para começar, sugeriu que os trabalhadores deviam participar na Comissão.

– Só disse que fazia sentido perguntar aos operários quanto ao acesso à água da bomba! Se não o perguntássemos, teríamos de ter esse trabalho todo sem obter resultados em termos de saúde. Daí a sugerir que se organizem vai um grande salto.

Um terceiro dedo.

– As suas tias-avós estão envolvidas naquela odiosa cooperativa alimentar, e por acaso sei que fez parte ativa da organização.

– Uma transação comercial! O que importa onde vendemos as nossas couves?

Stevens apontou-lhe os três dedos.

– Tudo isso forma um padrão. É compassiva para com os trabalhadores e não é quem diz ser. *Alguém* está a ajudar a imprimir os panfletos. Deve julgar que sou estúpido para os assinar *assim*. – Indicou o fundo do panfleto. Havia um nome no fim. Minnie olhou-o pelos óculos.

Não era um nome. Era um pseudónimo.

De minimis, leu. Nunca aprendera latim, mas sabia um pouco de italiano e bastante francês, e pensou que significava algo na linha de «bagatelas». Coisa pouca.

– Não percebo. – Abanou a cabeça, confusa. – O que tem isto que ver comigo?

– De. Minnie. Mis. – Stevens pronunciou as sílabas à vez, dando-lhes um sentido deturpado. – Deve tomar-me por tolo, *Miss Minnie*.

Era uma lógica horrível, tão retorcida que ela poderia ter-se rido. O problema era que a consequência daquela piada não era divertida.

– Não tenho provas – repetiu ele –, e uma vez que a sua amizade com a minha futura esposa é conhecida, não desejo vê-la publicamente humilhada e acusada de sedição criminosa.

– Sedição criminosa! – ecoou Minnie, incrédula.

– Portanto, encare isto como um aviso. Se continuar com *isto* – abanou o papel que ela tinha nas mãos –, vou descobrir a verdade quanto à sua origem. Vou provar que está por trás disto. E vou arruiná-la.

– Não tenho nada que ver com isto! – protestou, mas em vão. Ele já virara costas.

Minnie cerrou o panfleto na mão. Mas que terrível reviravolta. Stevens partia de uma premissa falsa, mas não importava como encontrava o rasto. Se o seguisse, descobriria tudo. O passado de Minnie. O seu nome verdadeiro. E, sobretudo, os seus pecados – há muito enterrados, mas não mortos.

De minimis.

A diferença entre ruína e segurança *era* muito pequena. Mesmo muito pequena, mas não a ia perder.

CAPÍTULO 2

– **M**innie!
Desta vez, quando a voz se fez ouvir do outro lado do pátio, Minnie não se assustou. O coração não acelerou. Em vez disso, deu consigo cada vez mais calma e o rosto iluminou-se com um sorriso genuíno. Dirigiu-se à interlocutora, oferecendo as mãos.

– Lydia! – exclamou, afavelmente. – Que bom ver-te.

– Onde estiveste? – indagou Lydia. – Procurei-te por todo o lado. Talvez mentisse a qualquer pessoa, mas a Lydia...

– Escondida – retorquiu Minnie. – Atrás do sofá da biblioteca.

Outra pessoa veria o comentário como bizarro. Lydia, no entanto, conhecia Minnie tão bem quanto possível, pelo que fungou e abanou a cabeça.

– Isso é tão... tão...

– Ridículo?

– Tão típico – respondeu a amiga. – Mas ainda bem que te encontrei. Está na hora.

– Na hora? Na hora de quê? – Naquele dia só iam tocar Beethoven.

Mas a amiga não adiantou mais nada. Limitou-se a pegar no cotovelo de Minnie e a acompanhá-la à porta da sala do presidente da câmara.

Minnie estacou.

– Lydia, a sério. Está na hora do quê?

– Sabia que não ias querer ser apresentada no Salão Nobre, com tanta gente à volta – sorriu Lydia. – Por isso pedi ao papá que ficasse atento à sala. Está na altura de seres apresentada.

– Apresentada? – O pátio atrás delas estava quase vazio. – A quem é que vou ser apresentada?

A amiga acenou-lhe com o dedo.

– Tens de te manter a par dos mexericos. Como é possível que não *saibas*? Ele só tem vinte e oito anos, e reputação de estadista... atribuem-lhe bastante responsabilidade pelo Compromisso de Importação de 1860.

Lydia disse-o como se soubesse o que aquilo era – como se todos soubessem do Compromisso de Importação de 1860. Minnie nunca ouvira falar de tal coisa e tinha quase a certeza de que Lydia também não.

Lydia soltou um suspiro ditoso.

– E ele está *cá*.

– Sim, mas quem é ele? – Voltou a mirar a amiga. – E o que significa esse suspiro? Estás noiva.

– É verdade – afirmou Lydia –, e estou muito, muito feliz.

Um *muito* a mais para ser credível, mas como Minnie nunca conseguira fazer passar tal ideia, não valeria a pena começar naquele momento.

– Mas *tu* não estás noiva. – Lydia puxou-lhe a mão. – Ainda não. Além disso, o que tem a realidade que ver com a imaginação? Será que não nos podemos imaginar com um vestido de seda vermelha lindo, a descer a caminho de uma multidão ansiosa, cheia de pessoas que te adoram, com um homem elegante ao teu lado?

Minnie *imaginava-o*, mas as massas nunca a adoravam. Gritavam. Atiravam coisas. Insultavam-na, e bastava-lhe esperar por um pesadelo que lhe chegasse durante a noite para o reviver.

– Não estou a dizer que temos de nos casar por causa disso. É só sonhar um bocadinho. – E com isso, Lydia abriu a porta.

Na sala encontrava-se apenas uma mancheia de pessoas. Mr. Charingford aguardava-as junto à porta e cumprimentou a filha com um aceno de cabeça. Era um espaço pequeno, mas as paredes haviam sido apaineladas com madeira, as janelas tinham vitrais e a lareira fora adornada com entalhes. O brasão de Leicester assumia lugar de destaque na parede oposta e o pesado cadeirão do presidente da câmara encontrava-se na frente da divisão.

Fora aí que o pequeno grupo se reunira – o presidente da câmara, a esposa, Stevens, um homem que ela não conhecia e... Minnie susteve o fôlego.

Era ele. O louro de olhos azuis que lhe falara na biblioteca. Parecia demasiado jovem para ser alguém importante. Mais concretamente, parecia demasiado simpático para isso. Ver o presidente a adulá-lo...

– Estás a ver? – comentou Lydia em voz baixa. – Acho que até *tu* serias capaz de sonhar com ele.

Bem-apegoado, gentil e importante. Minnie sentiu a imaginação a puxá-la como algo quase visceral, levando-a por caminhos pavimentados com fantasias ao luar.

– Às vezes – disse Minnie –, quando acreditamos no impossível...

Era muito pequena na altura em que o pai era apreciado o suficiente para ser convidado um pouco para todo o lado. Viena. Paris. Roma. Pouco tinha a seu favor, salvo um apelido antigo, facilidade de conversação e um talento para o xadrez quase inultrapassável. Ele sonhara com o impossível e infetara-a com a loucura.

Só tens de acreditar, dissera-lhe a partir dos cinco anos. *Não precisamos de fortuna. Não precisamos de riqueza. Nós, Lanes, acreditamos com mais intensidade do que os outros, e as coisas boas chegam-nos.*

E assim acreditara. Acreditara com tamanha fé que nada lhe restara quando os esquemas colapsaram. Nada além dessa fé vã.

– Se acreditares no impossível – disse Lydia, arrastando-a de volta ao presente –, o impossível pode concretizar-se.

– Se acreditares no impossível – contrapôs Minnie –, perdes aquilo que tens.

Não havia caminhos ao luar que levassem àquele homem. Era apenas um cavalheiro que lhe falara com gentileza. Mais nada. Não havia sonhos, nem fantasias.

– E tu tens tanto a perder. – O tom da voz de Lydia era trocista.

– Tenho muito a perder. Ninguém me aponta na rua nem bichana quando passo. Não tenho multidões em fúria a perseguir-me, em busca de vingança. Ninguém me atira pedras.

E ainda havia estranhos que a tratavam com gentileza. Ele era injustamente atraente – algo que, sem dúvida, explicaria o brilho nos olhos de Lydia. Segundo o que Lydia dissera acerca de importância, ele lidava com política. Membro do Parlamento, talvez? Parecia demasiado jovem.

– Mas que sério – ofereceu Lydia, fazendo uma careta. – Sim, tens razão. Podiam cuspir-te em cima e chamar-te monstro. E talvez pudesses ser devorada por dragões. Sê razoável. Tens noção de que nada desse género é sequer remotamente possível. Já que não és capaz de o imaginar, eu faço-o por ti. Durante o próximo minuto vou imaginar que ele vai virar-se, olhar para ti...

Não foi preciso imaginar. Quem quer que ele fosse, virou-se nesse momento. Olhou para Lydia, que transbordava de entusiasmo e o cumprimentou com uma vénia. Depois, os olhos dele assentaram em Minnie.

Aí está, parecia aquele olhar querer dizer. Ou algo do género. Pois Minnie foi percorrida por uma faúlha de reconhecimento. Não era algo tão simples como o facto de lhe ver o rosto e achá-lo familiar. Era a sensação de se conhecerem, um conhecimento mais profundo do que alguns momentos passados juntos atrás de um sofá.

O olhar do indivíduo deslocou-se para a direita, parando no pai de Lydia, que se encontrava entre elas. Deu alguns passos em frente, abandonando as pessoas que o rodeavam.

– Mr. Charingford, não é verdade? – indagou.